

OS DELÍRIOS URBANOS E OS SIGNOS EXTÁTICOS DA CIDADE

Renato Nunes Bittencourt¹

RESUMO: O artigo analisa questões multidisciplinares acerca do fenômeno da experiência urbana e suas redes sociais de interação, enfatizando o espaço vital da cidade como um organismo vivo integrado diretamente ao amago do ser humano e de que maneira a vida metropolitana apresenta uma diversidade de signos produtores de êxtase na sensibilidade pessoal.

Palavras-Chave: Cidade; Signos; Êxtase; Sensibilidade; Intensidade.

ABSTRACT: The article analyzes multidisciplinary issues about the phenomenon of urban experience and their social networks of interaction, emphasizing the living space of the city as a living organism integrated directly to amago of human beings and how the Metropolitan Life presents a diversity of signs of Ecstasy producers in personal sensibility.

Keywords: City; Signs; Ecstasy; Sensitivity; Intensity.

Para Felipe Galvon, poeta da polifonia urbana.

Nota Prévia

Este artigo é fruto dos estudos realizados na linha de pesquisa Estudos Contemporâneos em Comunicação – Práticas discursivas e construção identitária na mídia desenvolvido na FACULDADE CCAA.

Introdução

A tarefa de construção de uma Filosofia da Cidade exige a contribuição multidisciplinar de diversos discursos, evidenciando que, assim como a organização social se caracteriza pela conciliação das diferenças culturais no espaço de convivência cotidiana, assim também um tema tão vasto requer a capacidade de diálogo entre filósofos, urbanistas, sociólogos, antropólogos, semiólogos, cientistas políticos, geógrafos, economistas, comunicólogos e muitos outros intérpretes. Pensar a cidade é um exercício intelectual que não se

¹Doutor em Filosofia pelo PPGF-UFRJ. Professor do Curso de Especialização em Pesquisa de Mercado e Opinião da UERJ. Professor do Curso de Comunicação Social da Faculdade CCAA e da Faculdade Duque de Caxias-UNIESP. E-mail: renatonunesbittencourt@gmail.com

fundamenta apenas nos elementos extensivos de sua configuração espacial, política e social, mas exige também a compreensão ontológica de sua essência. Por conseguinte, o formalismo vazio do discurso positivista e sua estúpida mitologia dos fatos objetivos perde toda significação perante a fenomenologia sensível da cidade.

OS SIGNOS IMANENTES DA CIDADE

A cidade não é apenas uma categoria geográfica a ser abordada por uma perspectiva extensiva e concreta, mas uma fábrica semiológica produtora de sentidos tanto para seus habitantes como para seus intérpretes que se dedicam a decifrar as suas vozes harmônicas e dissonantes, convergentes e divergentes. Para Jean-Paul Lacaze,

As cidades são testemunho das ambições, dos êxitos e dos fracassos das sociedades que os construíram. A sua organização e os seus papéis materiais e simbólicos não param de se transformar sob a influência das mudanças econômicas, sociais e culturais (LACAZE, 1999, p. 68).

Se porventura quisermos compreender de maneira adequada o que significa viver na cidade, urge que chamemos para o debate todos os enfoques humanísticos, eliminando-se assim os traços do purismo tecnocrático que apenas mascaram e mistificam uma compreensão orgânica da vida urbana. Conforme expõe Armando Silva,

Uma cidade é não só topografia mas também utopia, devaneios, ilusões. Uma cidade é lugar, aquele lugar privilegiado por um uso, mas também é lugar excluído, aquele local despojado de normalidade coletiva por um setor social (SILVA, 2001, p. 222).

Nessas condições, de imediato percebemos que uma compreensão razoável do espírito da cidade exige a decifração da sua diversidade de símbolos, tarefa hermenêutica que reconhece as contingências desse objeto de pesquisa desprovido de qualquer fundamento teleológico. Segundo Roland Barthes,

A cidade é um discurso, e esse discurso é verdadeiramente uma linguagem: a cidade fala a seus habitantes, falamos nossa cidade, a cidade em que nos encontramos, habitando-a simplesmente,

perguntando-a, olhando-a [...] A cidade, essencial e semanticamente, é o lugar do encontro com o outro, e é por essa razão que o centro é o ponto de reunião de toda a cidade (BARTHES, 2001, p. 224; p. 229).

Todas as cidades do globo terrestre mereceriam uma investigação particular das suas qualidades e atributos, pois há idiossincrasias em cada uma delas, de modo que poderíamos contrariar o gênio de Aristóteles, segundo o qual só existe ciência do universal e o particular não é digno de conhecimento (ARISTÓTELES, Metafísica, Livro III, 1003a). Precisamos modificar nossos preceitos científicos tradicionais para que possamos compreender convenientemente o mundo em constante ebulição semiológica do qual fazemos parte e de que forma a cidade reflete tais efeitos. Grande parte das vivências citadinas é marcada pela aleatoriedade, conceito que se agrega imediatamente ao plano fluido da contingência. Porém, podemos detectar a presença de alguns elementos comuns nas organizações societárias e agenciamentos interpessoais das incontáveis cidades do planeta, não importando as suas particularidades geográficas, o estilo de vida dos seus habitantes, as suas particularidades econômicas e suas respectivas gestões administrativas: *“Planejar a cidade é ao mesmo tempo pensar a própria pluralidade do real e da efetividade a este pensamento do plural: é saber e poder articular”* (CERTEAU, 2011, p. 160). Dessa maneira, a constituição de uma Filosofia da Cidade se torna plenamente digna de reflexão em nossa consciência crítica do mundo regido pela técnica e pela motorização do pensamento que dissolvem as valorações intensivas da existência. Jean-Paul Lacaze pondera que

As cidades de hoje estão em causa. Dir-se-ia que elas vão perdendo a pouco e pouco o que fazia a sua força e a sua originalidade: a capacidade para agregar os homens em torno de ideais comuns, para produzir convivência, sociabilidade, tolerância, para permitir a coexistência tranquila de destinos individuais contrastados, para proteger, para fazer sonhar e estimular a inovação (LACAZE, 1999, p. 7).

A cidade é um grande organismo vivo, cuja estrutura apresenta sua analogia ao corpo humano, dotado de uma harmonia nascida do conflito interno das suas contradições orgânicas; a expressão vital da criatividade resulta da oposição dos antagonismos, produzindo assim o sentido histórico da cidade e suas relações humanas: *“Uma cidade ativa não é um espaço inerte, mas um espaço que se move, um espaço vivo”* (DARDEL, 2011, p. 14). Do centro da cidade, coração e

cérebro da organização política e social, emana a energia que promove a regulação de toda a vida cotidiana e garante a sua frágil estabilidade de cada dia. Pelas ruas, avenidas e estradas o sangue citadino mantém em atividade plena o grande corpo da urbe, ativando assim a seiva vital da grande Selva de Pedra, criação humana que expressa sua própria condição vital. Segundo Milton Santos

A cidade é o lugar em que o mundo se move mais; e os homens também. A co-presença ensina aos homens a diferença. Por isso a cidade é o lugar da educação e da reeducação. Quanto maior a cidade, mais poderoso e significativo o movimento, mais vasta e densa a co-presença e também as lições e o aprendizado (SANTOS, 2013, p. 79).

Toda administração política honesta pretende garantir para a sua cidade a permanência de suas instituições e a conservação do seu patrimônio, de modo a ampliar o laço de amor entre o cidadão e sua urbe, proporcionando assim o engajamento humano na cooperação pelo progresso social. David Harvey considera que

O arquiteto molda espaços de modo a lhes conferir utilidade social, bem como significados humanos e estéticos/simbólicos. O arquiteto plasma e preserva lembranças sociais de longa duração e se empenha em dar material aos anseios e desejos de indivíduos e coletividades. O arquiteto luta para abrir espaços para novas possibilidades, para futuras formas de vida social (HARVEY, 2011, p. 262).

A política em sua dimensão ontológica é uma grande luta contra o efeito transformador do tempo, de modo a imortalizar os grandes feitos humanos na arquitetura citadina; porém, o devir assimilador suprime toda esperança de fixidez, exigindo o esforço contínuo para a preservação da beleza plástica da cidade e seu adequado funcionamento. Michel Maffesoli considera que

A rua, onde se desempenha a teatralidade social, predispõe à possível abertura, evoca a efervescência e uma vitalidade que nada parecer poder frear [...] As ruas nos quais se passe, com seu aspecto de movimento, são claramente a metáfora da impermanência da vida: tanto a dos indivíduos como a das sociedades (MAFFESOLI, 2001a, p. 92).

A configuração da cidade é uma espécie de extensão nervosa do corpo humano, servindo de proteção e regulação metabólica de nosso próprio organismo perante a realidade externa e suas intempéries não raro hostis. Decorre daí a extrema pertinência de se considerar a cidade como uma estrutura dotada de vida da qual toda pessoa inserida no seio urbano faz parte de maneira inquestionável. Conforme Marshall McLuhan,

A cidade se formou como uma espécie de abrigo ou escudo protetor do homem, mas essa camada protetora foi obtida a custo de uma maximalização da luta intramuros [...] A cidade, em si mesma, é tradicionalmente uma arma militar, um escudo ou armadura coletiva, uma extensão do castelo de nossa própria pele [...]. O ambiente social produzido pelo homem como extensão de seu corpo responde às novas pressões e irritações lançando mão de novas extensões – sempre no esforço de manter energia permanente, constância, equilíbrio, homeostase [...] Formada para a proteção, inesperadamente a cidade gerou violentas intensidades e novas energias híbridas, pela aceleração de funções e conhecimentos acabou por explodir em agressão (MCLUHAN, 1974, p. 117-118; p. 385).

Tanto como andarilho como transportado pelos automóveis ou veículos de circulação coletiva, a pessoa tem sua carne penetrada pela essência da cidade que a magnetiza com sua potência singular produtora de múltiplas valorações e sensações, exigindo uma enorme capacidade sensória e cognitiva de assimilação de tantos estímulos naturais e artificiais: “*A comunicação e uma imagem singular é um fato de grande significação ontológica*” (BACHELARD, 1993, p. 2). Seja no frio ou sob o calor do Sol escaldante, o amor pela cidade permanece vivo na consciência do coração urbano em sua imanência intensa, tal como um bife mal passado suculento de sangue que seduz os sentidos do seu degustador, estimulando-o ao seu consumo voraz. Para Susana Gastal,

Viver o espaço é uma construção de sentido que condiciona a sensibilidade, mas que também é condicionada por ela e, a exemplo da cidade e do urbano, também ele se constitui como imagens e imaginários [...] Viver a cidade seria ampliar a possibilidade de ser visto e participar de um jogo de sedução, o que exige figurinos e regras de comportamentos especiais (GASTAL, 2006, p. 81; p. 125).

Cada cidade possui sua aura de univocidade, e mesmo que se tentasse reproduzi-la em outro ambiente ou mesmo transpô-la em outra organização espacial, jamais se encontraria um resultado satisfatório. A magia da cidade decorre do amálgama de clima, ambiente e relações pessoais estabelecidas em seu espaço vital, qualidades que não podem ser devidamente representadas por seus simulacros comerciais em shopping centers e locais afins. Nenhum artifício publicitário é capaz de substituir a habitação ou visitação turística ao espaço concreto da cidade adorada que é continuamente atualizada em suas ressignificações pelos seus habitantes. Michel de Certeau, Luce Giard e Pierre Mayol argumentam que

A cidade é, no sentido forte, “*poetizada*” pelo sujeito: este a refabricou para o seu uso próprio desmontando as correntes do aparelho urbano; ele impõe à ordem externa da cidade a sua lei de consumo de espaço (CERTEAU, GIARD & MAYOL, 2013, p. 45).

Para quem vive na agitação do caos urbano, não raramente ocorre o fenômeno da saturação psíquica pelo índice de esgotamento nervoso decorrente da recepção de tantas pressões cotidianas. Como paliativo para tal estresse, a pessoa realiza a arcádica fuga da cidade rumo aos espaços campesinos, para as serras, inalando o ar frio da montanha e entrando em contato com a pureza da natureza ainda em estado razoável de conservação, circunstâncias que proporcionam provisoriamente ao egresso do espaço metropolitano um modo de vida menos intenso nas suas circulações sociais graças aos paradigmas de uma temporalidade psicológica mais lenta; todavia, a atração magnética da cidade novamente puxa o homem urbano para o seu seio metropolitano para que novas experiências ocorram na sua frenética existência. Desse modo, escapa-se provisoriamente da cidade para que se possa melhor amá-la e suportá-la na sua efervescência de estímulos sempre mais intensos.

O belíssimo cântico dos pássaros divide o espaço sensorial da cidade com os sons cacofônicos do trânsito, os reclames discordantes dos vendedores, luzes artificiais dos letreiros, imagens publicitárias sedutoras prenhes de fetichismo da mercadoria, aromas alimentícios, perfumes corporais, poluição onipresente, vapores alcóolicos, lixo espalhado nas ruas, ruídos dos motores, fogos de artifício estourando no ar, pregações históricas de pastores neopentecostais, escavações nas

praças públicas, balas perdidas em tiroteios, voos rasantes de helicópteros, gás lacrimogêneo atirado pela polícia contra os manifestantes citadinos, de modo que tudo se agrega na consciência assimiladora do ser metropolitano exigindo deste um grande esforço de absorção dessas impressões esfuziantes. Henri-Pierre Jeudy considera que

A cidade, apesar da uniformização de sua configuração produzida pela semelhança dos projetos urbanos, torna sempre possível uma subversão do olhar, ela nos incita à descoberta de outras figuras do tempo, ao nos colocar diante dessa aporia da reflexividade. Não é possível fazer a representação do tempo, a não ser em nossas ilusões (JEUDY, 2005, p. 108).

Não basta apenas hipertrofiar o olhar, é imprescindível que o homem metropolitano amplifique todos os seus sentidos ao máximo para captar fragmentos dessa massa heteróclita de estímulos sensoriais. Sinestesia, ubiquidade, onisciência, nenhum estado perceptivo parece ser capaz de promover a plena absorção da pletora semiológica da cidade. Segundo Susana Gastal,

Viver o espaço é uma construção de sentido que condiciona a sensibilidade, mas que também é condicionada por ela e, a exemplo da cidade e do urbano, também ele se constitui como imagens e imaginários [...] Nas metrópoles, a complexidade das construções temporais e suas manifestações concretas somam-se à complexidade da inter-relação entre fluxos e fixos (GASTAL, 2006, p. 81; p. 125).

Talvez a melhor maneira do intérprete da cidade se aventurar a analisar razoavelmente os seus signos seja pela consciência embriagada de impressões afetivas, ampliando de forma holística as suas percepções, superando assim a vã racionalidade fria e objetiva do discurso acadêmico que pressupõe a intelectualidade analítica desprovida de paixão em sua atividade intelectual. Conforme sentencia: *“O homem é um ser simbólico e que não pode ser reduzido à lógica racional do utilitarismo, nem ter amputada a sua dimensão mágica, poética, sonhadora, afetiva e do supérfluo”* (AMORIM, 2014, p. 2). Aliás, o próprio habitante da esfera citadina vivencia essa experiência de embriaguez perceptiva em sua vida prosaica, sem talvez sequer perceber o quanto ele está envolvido profundamente pelos signos intensos da cidade. Inconscientemente o

coração urbano “*individual*” se torna a versão microcósmica da intensidade da cidade. Segundo Michel de Certeau,

A cidade contemporânea torna-se um labirinto de imagens. Ela se dá uma grafia própria, divina e noturna, que dispõe um vocabulário de imagens sobre um novo espaço de escritura. Uma paisagem de cartazes organiza nossa realidade. É uma linguagem mural com o repertório das suas felicidades próximas (CERTEAU, 2012, p. 46).

O ritmo veloz que impera nas grandes cidades e que manifesta seus reflexos imediatos nas vias de trânsito e nas andanças pelas ruas é a tônica das relações sociais e laborais da vida metropolitana, não apenas como urgência do sistema produtivo capitalista e seu imperativo de otimização do uso do tempo para a produção de riqueza, mas acima de tudo como expressão de sua própria multiplicidade de signos culturais de tantos agrupamentos sociais compartilhando o espaço da cidade e lutando por sua própria hegemonia. Georg Simmel salienta que

O fundamento psicológico sobre o qual se ergue o tipo de individualidade das metrópoles consiste na intensificação da estimulação nervosa resulta da rápida e ininterrupta mudança de estímulos externos e internos (SIMMEL, 2004, p. 76).

Quanto maior a malha urbana, maior é a tendência para que seus fluxos de circulação de pessoas, veículos e transações comerciais sejam mais intensos e velozes, pois a demanda por serviços e as interações sociais se amplia consideravelmente; tais condições exigem assim um planejamento estratégico para que a saúde vital da cidade não se paralise pela lentidão de sua circulação interna prejudicada pela sua desorganização administrativa, gerando-se assim transtornos no equilíbrio interno da urbe. Paul Virilio diagnostica que

A localização e a axialidade do dispositivo urbano já perderam há muito sua evidência. Não somente o subúrbio operou a dissolução que conhecemos, mas a oposição “intramuros”, “extramuros” dissipou-se com a revolução dos transportes e o desenvolvimento dos meios de comunicação e telecomunicações, daí esta nebulosa conurbação de franjas urbanas (VIRILIO, 1993, p. 9).

A oferta deficitária de transportes públicos de qualidade dotados com padrão razoável de segurança, associada às agruras cotidianas de se chegar aos locais almejados com o mínimo de salubridade mediante viagens desconfortáveis

em veículos coletivos abarrotados de corpos motiva a preferência individualista de se locomover pelas ruas da cidade em automóveis, extensões do próprio organismo humano em sua luta por segurança, poder, velocidade de ação e flexibilidade de movimento. A cidade então se reconfigura para agregar tais veículos em suas vias públicas, tal como aponta Gabriel Dupuy:

Outrora, a cidade era sinônimo de concentração. Na era do automóvel para todos, espraia-se para além de todos os limites. Na sua morfologia, nas suas instalações, nas suas paisagens, a cidade adaptou-se ao automóvel (DUPUY, 1998, p. 84-85).

Viver na cidade denota uma experiência de comunhão entre a pessoa e o espaço sagrado pela qual ela habita e circula diariamente, espaço vital indissociável de sua própria existência. A cidade expressa, sem sombra de dúvida, a intensidade da imanência vivenciada pelo perambular pelas ruas, seja na necessidade de cumprimento das obrigações profissionais, seja pela satisfação dos desejos de consumo nas lojas e centros comerciais, seja pelo andar despreocupado do tempo livre. Para Walter Benjamin,

A rua se torna moradia para o flâneur que, entre as fachadas dos prédios, sente-se em casa tanto quanto o burguês entre quatro paredes [...]. A rua conduz o flanador a um tempo desaparecido. Para ele, todas são íngremes. Conduzem para baixo, se não para as mães, para um passado que pode ser tanto mais enfeitiçante na medida em que não é seu próprio, o particular (BENJAMIN, 1989, p. 35; p. 185).

Em verdade, podemos afirmar que a vida na cidade representa um culto religioso desprovido de transcendência, na qual a pessoa encontra a si mesma e adquire autoconsciência na sua experimentação dos locais que compõem o espaço citadino. Michel de Certeau, Luce Giard e Pierre Mayol consideram que

Diante do conjunto da cidade atravancada por códigos que o usuário não domina, mas que deve assimilar para poder viver aí, em face de uma configuração dos lugares impostas pelo urbanismo, diante dos desníveis sociais internos ao espaço urbano, o usuário sempre consegue criar para si algum lugar de aconchego, itinerários para o seu uso ou seu prazer, que são as marcas que ele sabe, por si mesmo, impor ao espaço urbano (CERTEAU, GIARD & MAYOL, 2013, p. 41-42).

A circulação pelas grandes aglomerações humanas em pontos nevralgicos da cidade causa a sensação de despersonalização ou mesmo de estranhamento solitário; com efeito, talvez nada seja mais aterrador do que estar no meio da massa humana e se sentir sozinho no seio dessa grande concentração de corpos anônimos sem que haja qualquer possibilidade imediata de comunicação. O clamor existencial morre na garganta e o silêncio impera no coração citadino. Michel Maffesoli comenta que

A deriva numa cidade, vivida em grupo ou por alguém sozinho, permitia, já se vê, explorar um espaço determinado, espaço esse confrontado com possíveis e múltiplas estranhezas. De algum modo, viver das utopias intersticiais (MAFFESOLI, 2001a, p. 88).

Contudo, é possível também que ocorra uma experiência mística da pessoa integrada ao pluralismo de corpos dessa multidão humana heteróclita, ocorrendo assim uma surpreendente fusão entre o *“individual”* e o coletivo. Nas festas populares e nas convulsões políticas o tecido social, em geral separado, se unifica sagradamente. Em eventos esportivos de grande apelo popular como o futebol ou em manifestações políticas de luta contra a ditadura do capitalismo tecnocrático encontramos a presença desse grande corpo social unificado fraternalmente por algumas horas para depois se desagregar novamente em sua individuação. Para Michel Maffesoli,

Estar-se junto permite tocar-se. Todos os prazeres são prazeres de multidão ou de grupo. E não se pode compreender essa estranha compulsão de amontoar-se, a não ser que se tenha em mente essa constante antropológica (MAFFESOLI, 2010, p. 134).

Essa experiência de unidade interpessoal da aglomeração citadina promove o sentimento de alegria similar ao do rito dionisíaco dos antigos gregos, na qual o princípio de individuação era rompido e os celebrantes vivenciavam uma efusão religiosa de insólita integração na qual não havia mais distinção entre o *“eu”* e o *“tu”*.² Segundo Georg Simmel,

² “Sob a magia do dionisíaco torna a selar-se não apenas o laço de pessoa a pessoa, mas também a natureza alheada, inamistosa ou subjugada volta a celebrar a festa de reconciliação com seu filho perdido, o homem. Espontaneamente oferece a terra as suas dádivas e pacificamente se achegam as feras da montanha e do deserto. O carro de Dionísio está coberto de flores e grinaldas: sob o seu jugo avançam o tigre e a pantera. Se se transmuta em pintura o jubiloso hino beethoveniano à “Alegria” e se não se refreia a força de imaginação, quando milhões de seres frementes se espojam no pó, então é possível acercar-se do dionisíaco. Agora o escravo é homem livre, agora se rompem todas as rígidas e hostis delimitações que a necessidade, a

Revista Húmus - ISSN: 2236-4358 **Jan/Fev/Mar/Abr 2014. Nº 10**

Do mesmo modo que um homem não termina nas fronteiras do seu corpo e da área compreendida pela sua atividade imediata, mas apenas na totalidade das ações que dele emanam no tempo e no espaço, assim também uma cidade consiste na totalidade das ações que se estendem para além dos seus confins imediatos. É esta somente a verdadeira dimensão na qual a sua existência se exprime (SIMMEL, 2004, p. 88).

Há um orgasmo proveniente pela circulação das ruas e espaços da cidade, mesmo que as ações da pessoa sejam rotineiras, regulares. Por isso artistas, arquitetos, pintores, cantores, poetas, compositores, cada qual a seu modo, louvam o espírito das suas cidades amadas em suas obras consagradas. Cidade Maravilhosa, Cidade que Nunca Dorme, Cidade Luz, Cidade Eterna, Cidade Sagrada, Cidade Santa, Cidade dos Anjos, Cidade de Deus, Cidade dos Homens, Cidade Antiga, Cidade Nova, Cidade Grande, Cidade Alta, Cidade Baixa, Cidade do Pecado, Cidade do Crime, Cidade da Perdição, Cidade do Caos, Cidade do Amor, Cidade da Amizade, Cidade dos Sonhos, Cidade Perdida, Cidade Proibida, Cidade Fantasma, Cidade Dormitório, Cidade Industrial, Cidade Operária, Cidade Satélite, Cidade Periférica, Cidade Global, Cidade Negra, Cidade Polifônica, Cidade Nua, Cidade Crua, Cidade Rebelada, Cidade Partida, Cidade Sitiada, Cidade Inflamada, Cidade Olímpica, Cidade das Artes, Cidade Vendida, Cidade Invisível, Cidade das Águas, Cidade do Aço, Cidade do Vinho, muitos epítetos, adjetivos, estereótipos e descrições funcionais para representar a pluralidade semiológica do espírito da cidade que adquire vida própria, confundindo o real e o imaginário em uma grande potência criadora de valorações que contagia a existência do ser humano. Cada voz cidadina deseja expressar o seu encanto pela cidade e entoar hinos pela sua glória, assim como gritos estridentes que ecoam sonoramente pelas ruas, becos e praças. Segundo Angelo Serpa,

O discurso fabrica o lugar: o lugar da vida cotidiana, da repetição, do trabalho (ou da ausência dele), mas também da criatividade e da subversão. Sim, subversão, pois se trata aqui de grupos e iniciativas que produzem espaço na cidade contemporânea para

arbitrariedade ou a “moda impudente” estabeleceram entre os homens. Agora, graças ao evangelho da harmonia universal, cada qual se sente não só unificado, conciliado, fundido com o seu próximo, mas um só, como se o véu de Maia tivesse sido rasgado e, reduzido a tiras, esvoaçasse diante do uno primordial” (NIETZSCHE, 1996, p. 31).

afirmar ideias alternativas de cultura, para fabricar o lugar a partir de táticas cotidianas de enunciação (SERPA, 2011, p. 16).

A cidade é o grande purgatório imanente de todos os pecados individuais e coletivos, e é também a cuba na qual as paixões humanas são sublimadas na sua busca constante pela transcendência nunca atingida. O corpo morto enterrado no solo sagrado da cidade promove a comunhão entre a energia vital da pessoa e o seio acolhedor materno da terra. Visualizemos a imagem do cidadão crucificado nas portas da cidade como emblema dos mistérios da vida urbana. Poderíamos ainda propor a imagem do cidadão pregado ao solo da cidade. A integração ontológica entre pessoa e cidade é uma grande apoteose iluminada pelos raios do Sol ou mesmo pelas luzes dos refletores. Eis a celebração intensa da ética da contingência aplicada na experimentação urbana da vida, andar pelas ruas sem destino, sem rumo, sem finalidade, sem objetividade, apenas andar a ermo para que se possa encontrar a si mesmo. Conforme destaca Henri-Pierre Jeudy,

No ritmo de suas metamorfoses, a cidade é sempre o território da contingência absoluta. Não somente nela tudo é possível, mas, mais ainda, o possível está fundamentalmente ligado à emergência constante do casual (JEUDY, 2005, p. 108).

A cidade não é apenas um objeto de enunciação discursiva, mas também uma dimensão erótica a ser dançada, consumida, experimentada sofregamente pelo seu habitante em uma celebração religiosa desprovida de moralidade e de qualquer transcendência. Vivenciamos com a cidade uma relação antropofágica bilateral: ao mesmo tempo em que ela nos consome em sua intensidade estética, nós também a consumimos. Por que não correremos nus pelas vias da cidade, sentindo na pele a essência da urbe? Nus, desmascarados, alegremente e desavergonhadamente nos apresentamos perante o grande tribunal da cidade. Nas encruzilhadas da cidade, muito mais do que fazer oferendas aos entes espirituais, faz-se também oferenda ao próprio espírito vital da cidade. Qual caminho seguir perante tantas alternativas? Por que não podemos vivenciar o prazer delirante de se perder na cidade? Para Walter Benjamin,

Saber orientar-se numa cidade não significa muito. No entanto, perder-se numa cidade, como alguém se perde numa floresta, requer instrução. Nesse caso, o nome das ruas deve ser para aquele que se perde como o estalar do graveto seco ao ser pisado, e as

velas do centro da cidade devem refletir as horas do dia tão nitidamente quanto um desfiladeiro (BENJAMIN, 1987, p. 73).

A grande missa deve ser celebrada em nome da cidade e seu poder divino, e nossas preces direcionadas pela sua conservação perpétua. A cidade é um colossal templo sagrado que agrega em seu interior tudo aquilo que é imputado pela visão moralista de mundo como profano. O espírito sagrado da cidade suprime todas as diferenciações. Para Michel Maffesoli,

Vale lembrar que o divino origina-se nas realidades cotidianas, elaborando-se aos poucos na comunhão de gestos simples e rotineiros. Nesse sentido, o *habitus*, ou o costume, serve para concretizar e atualizar a dimensão ética de toda socialidade (MAFFESOLI, 2005, p. 90).

Nesse ponto do texto, cabe a seguinte indagação: e se porventura fosse possível não apenas amarmos a cidade, mas também fazermos amor com ela em uma experiência extática de fusão entre a carne humana e a vitalidade da terra que sedimenta o palco da cidade? A cópula entre o homem e a cidade promoveria a tão ansiada conexão entre a carne e a pedra. O sêmen fecunda a terra e dá vida ao grande organismo da natureza; todos nossos fluidos corporais são assimilados pela força matriz da terra desde o dia em que nascemos até nossa morte. Pelos cantos e recantos da cidade a pessoa extravasa sua vitalidade erótica ao perambular por suas vias públicas, sentindo em suas entranhas os impulsos elétricos da energia urbana. Walter Benjamin aponta que

As ruas são a morada do coletivo. O coletivo é um ser eternamente inquieto, eternamente agitado, que, entre os muros dos prédios, vive, experimenta, reconhece e inventa tanto quantos os indivíduos ao abrigo de suas quatro paredes (BENJAMIN, 1989, p. 194).

O êxtase da vida urbana não encontra plena vazão ao seu prazer de pertencer ao espaço citadino, existindo um teor de inefabilidade em toda tentativa de se descrever seus caracteres. A língua usual é parca em sua capacidade de representar a totalidade de vivências da existência urbana. Toda narrativa sobre o espírito da cidade é pobre em sua expressividade discursiva, daí decorrendo a importância da arte e de seu poder estético que supera os limites formais da linguagem usual. Não se pode silenciar sobre a cidade, ela deve sempre ser

pronunciada, ainda que jamais expressemos adequadamente sua plenitude semiológica. Italo Calvino afirma que

As cidades, como os sonhos, são construídas por desejos e medos, ainda que o fio condutor de seu discurso seja secreto, que as suas regras sejam absurdas, as suas perspectivas enganosas, e que todas as coisas escondam uma outra coisa (CALVINO, 2013, p. 44).

A unicidade entre pessoa e cidade cria essa paixão intensa em relação aos espaços de predileção na qual o ser humano dedica seu tempo de circulação. Por isso comumente acontecem casos em que se torna praticamente impossível para a pessoa adquirir bem-estar e autorrealização existencial fora da sua cidade amada. Para Eni Pulcinelli Orlandi,

No território urbano, o corpo dos sujeitos e o corpo da cidade formam um, estando o corpo do sujeito atado ao corpo da cidade, de tal modo que o destino de um não se separa do destino do outro (ORLANDI, 2004, p. 11).

Dentre tantas cidades onde se pode viver, uma dentre tantas sempre apresenta o seu poder agregador envolvente que a torna especial ao habitante que a elege como domicílio, pois ocorre uma fusão espiritual entre as duas instâncias. Michel Maffesoli argumenta que

Tomando por hipótese que a cidade é o modelo de intercâmbio e da socialidade por excelência, pode-se reconhecer a importância que se deve atribuir à autonomia numa dinâmica social. Com efeito, se a cidade cumpre essa função de paradigma, é precisamente porque ela é essencialmente o símbolo da pluralidade. A cidade é o microcosmos que resume o mundo em toda a sua diversidade, e é por essa função que ela concretiza o intercâmbio simbólico. Com efeito, a cidade, à imagem da natureza, é o ventre matricial que leva à existência; é a partir dela que o homem é conduzido, na sua acepção mais ampla, à fala; é por estar no centro da circulação dos bens e das ideias que se pode dizer que ela representa o protótipo do pluralismo (MAFFESOLI, 2001b, p. 301-302).

A cidade é o espaço vital das relações de identidade e alteridade interpessoais. Se porventura ela nasceu da interação entre pessoas dotadas de afinidades eletivas, progressivamente ela expandiu sua rede de relações, agregando múltiplas particularidades em uma grande teia heterogênea que exige o estabelecimento de parâmetros éticos para a regulação do convívio humano na

qual se reconhece, ainda que com muita dificuldade, as demandas existenciais do outro. Paolo Perulli afirma que

A cidade existe em virtude da pluralidade de indivíduos que a habitam e a povoam, do seu *populus*. É essa etimologia que nos leva à ideia de conflito, de *pólemos*, de permanente risco de guerra civil. Consequentemente, não plenitude e harmonia, e sim conflito entre os “diversos” reunidos na cidade (PERULLI, 2012, p. 206).

Nessas circunstâncias, é imprescindível o estabelecimento de relações comunicacionais isonômicas para que as animosidades internas da vida cidadina não estourem em violência urbana descontrolada, conduzindo ao processo de degradação do tecido social. Conforme aponta Richard Sennett,

A cidade tem sido um *locus* de poder, cujos espaços tornaram-se coerentes e completos à imagem do próprio homem. Mas também foi nelas que essas imagens se estilhaçam, no contexto de agrupamentos de pessoas diferentes – fator de intensificação da complexidade social – e que se apresentam umas às outras como estranhas (SENNETT, 2008, p. 25).

Quanto mais diversa, mais viva é a cidade, pois uma miríade de signos se expressa em sua configuração espacial, evidenciando o seu caráter polifônico. Toda a estrutura espacial da cidade, mais do que a organização funcional criada pelo ser humano em prol do conforto dos seus habitantes, é acima de tudo um grande código comunicacional e estético que representa as particularidades dos seus modeladores e as significações concedidas pelos seus habitantes. Segundo Massimo Canevacci,

Um edifício “se comunica” por meio de muitas linguagens, não somente com o observador mas principalmente com a própria cidade na sua complexidade: a tarefa do observador é tentar compreender os discursos bloqueados nas estruturas arquitetônicas, mas vívidos pela mobilidade das percepções que envolvem numa interação inquieta os vários espectadores com os diferentes papéis que desempenham (CANEVACCI, 2004, p. 22).

As grandes cidades se caracterizam pelo árduo projeto político de supressão de toda disposição sectária contra os grupos estrangeiros que povoam seu território, circunstância que denota claramente a urgência de uma ética prática

para a compreensão do fenômeno societário da pluralidade, eliminando-se assim as disposições reacionárias da xenofobia e do racismo. Para Paolo Perulli,

A diversidade, concentração de indivíduos no mesmo espaço, encerra o segredo do poder de instigação da grande cidade: o indivíduo metropolitano participa de grupos divergentes, cada um dos quais captura apenas um segmento de sua personalidade. A sua experiência é de contágio e, portanto, de criatividade e inovação (PERULLI, 2012, p. 29-30).

Habitando em guetos ou em bairros étnicos, quem sabe chegará um dia em que ocorrerá a fusão plena de todos esses corpos distintos em um mesmo núcleo de convivência, em uma mesma rua, suprimindo as animosidades sectárias que impedem o estabelecimento de relações cooperativas fundamentadas na política da amizade. Kevin Lynch argumenta que

Cada cidadão tem vastas associações com alguma parte da cidade, e a imagem de cada um está impregnada de lembranças e significados [...] As cidades são o habitat de muitos grupos, e só com uma compreensão diferenciada de imagens grupais e individuais, bem como de suas inter-relações, será possível criar um ambiente capaz de satisfazer a todos (LYNCH, 2011, p. 1; p. 181).

Viver na cidade exige o constante exercício da tolerância em relação ao modo de ser do outro, não importa se seu comportamento social é caracterizado extravagante ou não. A agitação urbana torna o homem metropolitano cada vez mais neurastênico e, por conseguinte, radicalmente intolerante a todo tipo de ação que prejudique a manutenção do seu conforto na esfera social. Para Bauman,

O impulso para uma “comunidade de semelhantes” é um sinal de retirada, não somente da alteridade que existe lá fora, mas também do empenho na interação interna, que é viva, embora turbulenta, fortalecedora, embora incômoda (BAUMAN, 2009, p. 45).

A proximidade excessiva, quase promíscua, incomoda; o distanciamento, por sua vez, causa desconforto e solidão. Chegar ao meio-termo da devida distância é uma genuína arte da vida na experiência urbana, aprimorada diariamente na convivência forçada com o outro que muitas vezes se apresenta como desagradável, ameaçador, feio. José Guilherme Cantor Magnani salienta que

O contato com o estranho supõe manejo de determinados códigos, que garantem, de um lado, a devida distância de alguém que não se conhece e, de outro, a necessária proximidade para estabelecer uma relação e realizar a troca (MAGNANI, 2012, p. 319).

A cidade ferve na intensidade das suas interações ardentes, e o calor humano proveniente desses processos sociais desagrade aos indivíduos mais coléricos, facilmente excitáveis pelos estímulos produzidos pelos coabitantes citadinos. A hipertensão arterial do corpo humano encontra sua expressão imediata na pressão alta da agitação urbana, cabendo assim que façamos a seguinte pergunta: quem é a motivação primária de quem? Conforme pondera Susana Gastal,

A cidade, na sua presença às vezes sufocante, coloca-se no peso da materialidade do espaço com seus cheiros (nem sempre agradáveis), suas cores (não raro excessivas), seus ruídos (quase ensurdecedores), na presença do outro a nos tocar, empurrar, submeter (GASTAL, 2006, p. 213).

A cidade é o palco por excelência para o estabelecimento dos processos comunicacionais na qual os contatos interpessoais adquirem a dignidade da vida pública mediante a luta constante por consenso e harmonização conciliatória da diversidade de anseios individuais. Negar a efetivação da práxis comunicacional é uma disposição categoricamente obtusa, pois bloqueia a capacidade societária de mobilização criativa dos corpos urbanos. Para Ana Fani Alessandri Carlos

O espaço público, saturado de imagens, signos do urbano e da vida moderna, age como elemento norteador dos comportamentos e definidor dos valores que organizam a troca, hierarquizando os indivíduos através de seu acesso aos lugares da cidade (CARLOS, 2011, p. 138).

A experiência política em sua acepção original ocorre na visibilidade do espaço aberto da cidade na qual a multiplicidade de pessoas delibera visando a satisfação dos seus interesses particulares, ainda que nem todos sejam adequadamente atendidos. Para Aristóteles,

É claro, portanto, que a cidade tem precedência por natureza sobre o indivíduo. De fato, se cada indivíduo isoladamente não é autossuficiente, conseqüentemente em relação à cidade ele é como as outras partes em relação ao todo, e um homem capaz de integrar-se numa comunidade, ou que seja autossuficiente a ponto

de não ter necessidade de fazê-lo, não é parte da cidade, por ser um animal selvagem ou um deus (ARISTÓTELES, Política, I, I, 1253a).

O âmbito privado é a dimensão da “*idiotia*”, a vida reclusa desprovida de contato com a realidade externa. Entretanto, justamente por não sermos pessoas autossuficientes, necessitamos da existência de uma rede de relações sociais para que possamos satisfazer nossas demandas particulares e assim adquirir uma ampliação da qualidade de vida. Pela dialética entre a dimensão privada e a esfera pública o ser humano constrói a sua vida integral, englobando a intimidade e a sociabilidade em uma prática societária de convergência. Para Olivier Mongin,

A cidade não renascerá de si mesma, o lugar da cidade é doravante inseparável dos fluxos com os quais ela se encontra em tensão [...] Na cidade, podemos esboçar passos de dança a ritmos que convidam a passar do privado ao público, a resvalar de um a outro, mas também a marcar as divergências [...] Multidimensional, a experiência urbana deve ser então enunciada em vários níveis: o do corpo, o do habitat, o do cenário público, o da vida política, mas também o do pertencimento à terra em um mundo globalizado (MONGIN, 2009, p. 24; p. 130; p. 309-310).

Muitas experiências da pessoa com a sua cidade ocorrem em um viés singular, mas invariavelmente a existência humana pressupõe a sociabilidade para que ela encontre a plenitude de sua ação criadora, ainda que para tanto seja imprescindível a simplificação dessas vivências comunicacionais. Hannah Arendt argumenta que

A sociedade é a formal na qual o fato da dependência mútua em prol da vida, e de nada mais, adquire importância pública, e na qual se permite que as atividades, relacionadas com a mera sobrevivência apareçam em público [...] Toda atividade realizada em público pode atingir uma excelência jamais igualada na privatividade; para a excelência, por definição, é sempre requerida a presença dos outros, e essa presença exige a formalização do público, constituído pelos pares do indivíduo [...] O domínio público, enquanto mundo comum, reúne-nos na companhia uns dos outros e, contudo, evita que caiamos uns sobre os outros, por assim dizer (ARENDT, 2010, p. 56; p. 59; p. 64).

Para tanto, é imprescindível a existência de uma linguagem comum partilhada em acordo com os grupos sociais habitantes do espaço vital da cidade

para que haja o mútuo entendimento entre as pessoas e assim exista mobilização social e o desenvolvimento das atividades no seio citadino: “Ao produzirmos coletivamente nossas cidades, produzimos coletivamente a nós mesmos” (HARVEY, 2011, p. 210). A metrópole global é uma grande Babel de línguas e signos, mas existe um discurso hegemônico que prevalece sobre os demais, possibilitando assim a comunicação entre as pessoas. Os processos comunicacionais nunca expressam com exatidão os sentimentos humanos, mas existe um esforço societário de se estabelecer a comunhão interpessoal e redes colaborativas fundamentadas na amizade e no respeito pela condição do outro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Viver na cidade é uma experiência que envolve valorações não apenas éticas, políticas, sociais, econômicas e urbanísticas, mas também estéticas. É necessário que sintamos a intensidade da cidade em que vivemos e que a experimentemos nas suas múltiplas expressões semiológicas; essa relação imanente de imersão no espírito da cidade em que habitamos também pode ser perfeitamente experimentada nas inúmeras cidades que visitamos no decorrer de nossas vidas por questões profissionais ou turísticas. Acima de tudo permanece a ideia de que nossa relação com a cidade não é apenas funcional, mas espiritual, existencial, essencial. O espírito criador/assimilador da cidade é a potência agregadora presente no íntimo de cada pessoa capaz de atuar energeticamente na luta violenta contra os furtadores do espaço público da convivência, os cândidos mentirosos da política plutocrática, os especuladores imobiliários praticantes das infames domingadas urbanísticas e a terrível Lady Macbeth de Santa Cruz que desfere golpes de machado contra a emancipação cidadã.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Wellington Lima. “Absurdo e desespero na cidade”. In: *Revista Espaço Acadêmico* n. 155, 2014, p. 1-13. Disponível em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/23366/12754>

ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Trad. de Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense, 2010.

ARISTÓTELES. *Metafísica*. Trad. de Marcelo Perine. São Paulo: Loyola, 2005.

_____. *Política*. Trad. de Mário da Gama Kury. Brasília: Ed. UnB, 1997.

BACHELARD, Gaston. *A Poética do Espaço*. Trad. de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

BARTHES, Roland. *A aventura semiológica*. Trad. de Mario Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BAUMAN, Zygmunt. *Confiança e medo na cidade*. Trad. de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas II: Rua de mão única*. Trad. de Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1987.

_____. *Obras Escolhidas III – Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. Trad. de José Carlos Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1989.

CALVINO, Italo. *As Cidades Invisíveis*. Trad. de Diogo Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

CANEVACCI, Massimo. *A Cidade Polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana*. Trad. de Cecília Prada. São Paulo: Nobel, 2004.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. *A condição espacial*. São Paulo: Contexto, 2011.

CERTEAU, Michel de. *A Cultura no Plural*. Trad. de Enid Abreu Dobransky. Campinas: Papirus, 2012.

_____. *A invenção do cotidiano: 1 – artes do fazer*. Trad. de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 2011.

CERTEAU, Michel de; **GIARD**, Luce; **MAYOL**, Pierre. *A invenção do cotidiano: 2 – morar, cozinhar*. Trad. de Ephraim F. Alves e Lúcia Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 2013.

DARDEL, Eric. *O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica*. Trad. de Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DUPUY, Gabriel. *O automóvel e a cidade*. Trad. de Ana Faria. Lisboa: Instituto Piaget, 1998.

GASTAL, Susana. *Alegorias Urbanas: o passado como subterfúgio*. Campinas: Papirus, 2006.

HARVEY, David. *Espaços de esperança*. Trad. de Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Loyola, 2011.

JEUDY, Henri-Pierre. *Espelho das Cidades*. Trad. de Rejane Janowitz. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.

LACAZE, Jean-Paul. *A Cidade e o Urbanismo*. Trad. de Magda Bigotte de Figueiredo. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.

LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. Trad. de Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

MAFFESOLI, Michel. *Sobre o Nomadismo: vagabundagens pós-modernas*. Trad. de Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Record, 2001a.

_____. *O mistério da conjunção: ensaios sobre comunicação, corpo e socialidade*. Trad. de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2005.

_____. *O Tempo das Tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Trad. de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

_____. *A Violência Totalitária: ensaio de antropologia política*. Trad. de Nathanael C. Caixeiro. Porto Alegre: Sulina, 2001b.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Da Periferia ao Centro: trajetórias de pesquisa em antropologia urbana*. São Paulo: Terceiro Nome, 2012.

MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. Trad. de Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix, 1974.

MONGIN, Olivier. *A condição urbana: a cidade na era da globalização*. Trad. de Letícia Martins de Andrade. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

NIETZSCHE, Friedrich. *O nascimento da Tragédia ou helenismo e pessimismo*. Trad. de J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Cidade dos Sentidos*. Campinas: Pontes, 2004.

PERULLI, Paolo. *Visões da Cidade: as formas do mundo espacial*. Trad. de Valéria Pereira da Silva. São Paulo: Ed. SENAC São Paulo, 2012.

SANTOS, Milton. *Técnica, Espaço, Tempo: globalização e meio técnico-científico-informacional*. São Paulo: EDUSP, 2013.

SENNETT, Richard. *Carne e Pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*. Trad. de Marcos Aarão Reis. Rio de Janeiro: BestBolso, 2008.

SIMMEL, Georg. "As metrópoles e a vida mental" In: *Fidelidade e Gratidão e outros textos*. Trad. de Maria João Costa Pereira e Michael Knoch. Lisboa: Relógio d'água, 2004, p. 75-94.

SILVA, Armando. *Imaginários Urbanos*. Trad. de Mariza Bertoni e Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 2001.

VIRILIO, Paul. *O Espaço Crítico*. Trad. de Paulo Roberto Pires. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.